

# A ilha da fantasia está caída na real

Brasília se divide em duas  
diante da crise do País,  
mas não há como fugir  
da aflição endêmica

“Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos, era a idade da sabedoria, era a idade da ignorância, era uma época de crença, era uma época de incredulidade, era a idade das Luzes, era a idade da Escuridão, era a primavera da esperança, era inverno de desespero, tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, estávamos todos a caminho do Paraíso, estávamos todos indo na direção exatamente oposta — em resumo, o período era a tal ponto semelhante ao período atual que algumas de nossas autoridades mais ruidosas insistiam em que ele fosse recebido, por bem ou por mal, apenas no grau superlativo de comparação”. (Uma História de Duas Cidades, livro primeiro, página 1).

O escritor inglês Charles Dickens (1812-1870) por certo precisaria de muito mais que 392 páginas (espessura de seu famoso livro A Tale of Two Cities, is-

to é, Uma História de Duas Cidades) para descrever uma única cidade, construída 90 anos depois de sua morte, em país tão distinto e distante do seu. Brasília tem pouco ou nada que nos lembre a Inglaterra vitoriana ou a Paris dos iluministas. Sede do poder político — por isso chamada muitas vezes de Corte — a capital federal de um país em crise só evoca trechos do romancista inglês porque, surpreendentemente, comporta diferentes pensamentos e opiniões, que lembram os paradoxos apontados por Dickens no primeiro capítulo de sua história, publicada pela primeira vez em Londres, no ano de 1859.

**Pés** — Um passeio por Brasília e pelo Brasil, que seja através de jornais, revistas, rádios e tevês, é suficiente para se ouvir a palavra crise centenas de vezes. Na capital da República, há discrepâncias quando se perscruta sobre a vida à sombra do poder — alguns ainda credi-

tam na “capital da esperança”, outros se agastam ao opinar sobre os reflexos de uma crise nacional na terra onde Dom Bosco previu que jorraria leite e mel. Mas poucos são aqueles que deixam a cidade, desistem de seu futuro aqui. Imigrantes são muitos, centenas, milhares. Nenhum certamente acredita em rios de leite e mel, mas fogem da seca ou da inundação ou da violência ou do medo.

Brasília e seus paradoxos congregam o espírito reservado inglês e o vanguardismo francês sob um mesmo teto — ou céu, como preferem os poetas que cantam a beleza do firmamento visto do Planalto Central. Embora, nos últimos tem-

pos, muitos brasileiros não consigam tirar os olhos do chão. “Outro dia eu fui a uma reunião e estava com uma sandália aberta. Todo mundo começou a falar do meu pé, que meu pé era lindo. Eu falei: ‘Gente, eu sempre tive pés bonitos, sempre usei sandália baixa, mas vocês olhavam para cima ou então para frente. Agora está todo mundo olhando para o chão, reparando nos pés’, relata a escritora e empresária Vera Brant, mineira, há 30 anos em Brasília. Vera observa as pessoas nas ruas da cidade e diz estar preocupada com os olhares baixos.

E pensar que Brasília contribui com a economia nacional — algo na ordem de 2% do PIB do País, segundo dados da Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). Paulo Timm, diretor-técnico da Codeplan, em documento escrito no ano passado, cujo título é bastante sugestivo — Brasília, uma Economia Forte num Meio Frágil — revela-nos que tal porcentagem do PIB brasileiro é algo equivalente a cerca de seis a oito bilhões de dólares, “do tamanho da Bolívia...”.

**Atenas** — O mesmo documento expõe que Brasília “chegou a quase dois milhões de habitantes, num curto espaço de tempo de 30 anos, detendo, hoje, quase 900 mil pessoas economicamente ativas, segundo estimativas do IGBE, confirmadas pela Pesquisa Domiciliar-Transporte, realizada pela Codeplan (...)”. Os números são otimistas no texto de Paulo Timm: “O Conselheiro do Tribunal de Contas do DF, Ronaldo Costa Couto, em recente advertência ao poder público lembra que o Rio de Janeiro levou 380 anos e São Paulo 395 para chegarem a este assombroso número, sendo que ambos geram 30 por cento do PIB”.

Cidade com maioria de jovens — a revista Indicadores Conjunturais, publicada em julho deste ano pela Codeplan, aponta que 41 por cento da população nasceu em Brasília, 11 por cento vieram de Minas e oito por cento de Goiás — a capital federal tem uma peculiaridade no mínimo pitoresca. Quem nasceu aqui não pode ter mais de 33 anos, ou seja,

## BRASÍLIA SUAVE

**Gisele Santoro**, (Professora de dança) — “O que me atrai em Brasília, o que eu adoro aqui, é poder ver esse horizonte sem fim, esse crepúsculo maravilhoso. Para mim, todo o resto que eu perco não morando no exte-

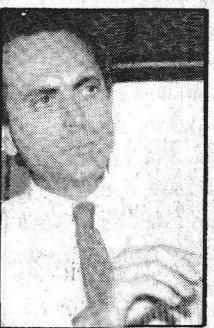
rior, compenso com o que eu acho que esse tipo de ambiente pode medir de satisfação pessoal, de anos de vida, de paz interior, de contato familiar, de contato com os amigos. O estresse é menor numa cidade como Brasília.



**Vera Brandt** (empresária e escritora) — “Em Brasília você tem a sorte de não ver o povoão, porque o povoão está tão triste. O fato de não ter esquina, você vê menos as caras tristes. Mas a gente sabe que existem! Pelo menos aqui, você vê menos isso para não se amargurar mais ainda. Eu vim do Rio de Janeiro para comer poesia em Brasília. Valeu a pena ter vindo porque essas coisas passam. Um dia o Brasil vai encontrar seu caminho”.



**Paulo Octávio** (empresário e deputado federal — PRN-DF) — “Brasília, proporcionalmente, tem o maior PIB e a maior renda per capita do País. Logicamente, muitas vezes dizem que a realidade de Brasília não é a realidade do resto do Brasil. Existe um fundo de verdade nisso. Eu sou um otimista constante. Se conseguirmos viabilizar Brasília como a cidade moderna que ela se predispõe a ser, estaremos contribuindo para o futuro”.



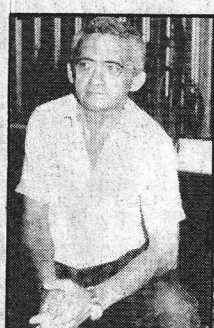
**Sílvio Barbato** (maestro) — “Especificamente na minha área, a crise, em relação à vontade dos governos de realizar alguma coisa, inexistente. Aqui a vontade é total. O apoio do governo à cultura aqui é amplo e irrestrito. Aqui há uma vontade política de apoiar a cultura. A própria conformação do Distrito Federal, os espaços, facilitam a qualidade de vida, que é mais humana. O contato com a miséria em outras cidades é maior, a violência também”.



**Francisco Alvim** (diplomata e poeta) — “No sentido mais genérico, acho que nós todos vivemos esta crise. Não há lugar a salvo. Do ponto de vista menos subjetivo, é inegável que as condições aqui em Brasília, para determinadas classes, são menos dolorosas. Brasília ainda tem um dimensionamento razoável. Você não sofre aqui o que sofre no Rio de Janeiro, São Paulo. Não deixa de ser um certo privilégio viver essa crise brasileira aqui”.



**Francisco Marinho** (dono do bar e restaurante Beirute) — “A crise existe, ninguém pode negar. Mas tenho fé em Deus e pé na tabua, já dizia o Padre Cícero, no interior do Ceará, em Juazeiro. Desde que o Brasil foi descoberto houve crise. Desde que o Brasil foi descoberto por Cabral já havia crise. Crise sempre houve e sempre haverá. É que o País é grande demais. Mas com fé em Deus nós vamos sair da crise. Bons dias a gente espera”.



qualquer cidadão acima desta faixa etária veio de fora.

Timm, em seu “quase-tratado” sobre a economia do DF, sonha com Brasília no futuro, livre das amarras que a impediriam de crescer, “uma via iluminista como Atenas e Paris”. Suas ideias fazem coro com a cidade planejada para o futuro, que já foi apelidada de ilha da fantasia. Uma “Atenas”, “olímpica”, que talvez, apesar da propalada crise, sedie as Olimpíadas do ano 2000.

“Brasília, proporcionalmente, tem o maior PIB do país. Brasília tem a maior renda per capita do país. Logicamente, muitas vezes as pessoas falam que a realidade de Brasília não é a realidade do resto do Brasil. Existe muitas vezes um fundo de verdade. Eu sou um otimista constante” afirma o empresário e deputado federal Paulo Octávio Pereira, defensor ardoroso da realização das Olimpíadas do ano 2000 em Brasília, para a qual trabalha ativamente.

**Violência** — A geografia física, o tamanho da cidade, sua juventude, os motivos são vários para aqueles que sentem menos a crise em Brasília. “Do ponto de vista financeiro, talvez viver em uma capital maior fosse melhor porque poderia haver mais mercado de trabalho, especificamente na minha área o mercado de trabalho é mais reduzido. Agora, do ponto de vista de qualidade de vida, viver em Brasília é sem dúvida melhor. Mesmo com crise, é uma cidade onde você não tem poluição, tem menos barulho, menos violência. Você sente menos a crise nesse sentido. Brasília é uma cidade onde a própria natureza compensa, de uma certa maneira, certas deficiências humanas”, declara a bailarina Gisele Santoro, carioca há vários anos em Brasília.

Antônio Carlos de Almeida Castro, advogado, membro da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), também diz gostar muito de Brasília, apesar da crise. Muito embora seja um crítico contumaz de qualquer unanismo sobre a realidade da ca-

pital: “Brasília é uma cidade que convive com o poder sem ter o poder e, às vezes, até pensa que tem o poder. Durante a ditadura, a população quase se chocava com o poder. Agora, a cidade está ficando agoniada. O Plano Piloto está acuado. As cidades-satélites, perigosas. Brasília sofre a crise dos 30 anos, uma balzaquina rica num país paupérrimo. A realidade está cada vez mais próxima de Brasília. Não é mais possível viver em Brasília como se estivéssemos no Primeiro Mundo”.

Os otimistas vêem as vantagens de se viver num lugar onde “não há aporrimação com engarrafamento, nem com estacionamento, a cidade é muito bonita.

## BRASÍLIA FERROZ

**Cassiano Nunes** (Professor universitário e Poeta) — “Meu padrão de vida caiu muito. Em 1958, quando cheguei a Brasília, meu padrão de vida era bem melhor. Há, sem dúvida, um sinal de empobrecimento muito

grande nos últimos anos, que se reflete de muitas maneiras. Antigamente eu andava muito de táxi. Fiz muitos amigos dando carona a estudantes da UnB. Nunca tive automóvel. Ia de táxi arrebanhando todos os estudantes”.



**André Amaro** (Astor teatral e funcionário público) — “Existe o ponto de vista de quem vive no Plano Piloto e de quem vive nas cercanias do Plano Piloto. Para quem vive no Plano, onde a renda per capita familiar é uma das maiores do País, com certeza a crise é menor. Para quem mora nos arredores do Plano, a crise é muitíssimo aguda. A crise está condicionada à situação social. Brasília continua sendo a ilha da fantasia, mero engodo.”



Apesar da distância dos grandes centros produtores do País, não há grande diferença de preços. A crise financeira de pesar no bolso é suavizada aqui pelo nível de vida. A qualidade de vida aqui é muito melhor. Agora, em termos de bolso, está igual para todo mundo, ruim para todo mundo”, analisa o bancário Amílcar Quadrado Filho, há 29 anos na capital.

**Espelho** — O atleta Ricardo Monteiro de Araújo, 23 anos, nascido em Brasília, considera a cidade “de elite”, onde tudo é mais caro e o nível sócio-econômico e o custo de vida são altos. Ricardo trabalha justamente entre os representantes desta elite que ele cita. É funcionário da academia Stadium 8, no Lago Sul. Mas Ricardo está bem acompanhado quando se trata de apontar o alto custo de vida na capital da República.

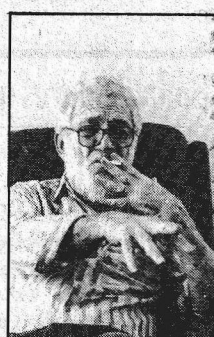
“Há uma falsa impressão e manifestação de que o salário do médico em Brasília

é melhor do que nos outros estados. Em termos absolutos, ele é. Mas há uma contrapartida nisto aí, que é o custo de vida no Distrito Federal. Hoje, embora se possa dizer que o salário do médico aqui é um dos melhores do País no setor público, há o alto preço da moradia, do transporte, da alimentação e da diversão de maneira geral”, argumenta Sidney Liberal, médico e conselheiro regional do Conselho Federal de Medicina (CFM), em Brasília desde 1971. Para Sidney, o que agrava a situação local é o fato de “Brasília ser um espelho do Brasil, uma caixa de ressonância. O que acontece aqui tem um desdobramento para o País inteiro. A gente tem de agir com competência para ser os representantes, os componentes desta caixa de ressonância”, alerta.

Duas cidades disputam o espaço físico da capital federal todos os dias. Duas cidades diferentes, às vezes antagônicas. Uma planejada nos traços hábeis de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Outra que brotou à revelia de projetos humanos e arquitetônicos. Se Dickens vivesse por estas bandas, nestes tempos bichudos e paradoxais, certamente teria duas cidades para uma só história.

Luciano Milhomem

**Geraldo Seabra** (astrologo) — “Brasília tem um sistema de vida muito artificial. Por isso está despençando mais. Nossa vida aqui é de irrealdade. Ao esoterismo de Brasília coloco meus pontos de interrogação. Esse desenvolvimento espiritual nos faz ser indiferentes à situação material? E eu não acredito que seja. O então o brasileiro tem conhecimento esotérico suficiente para conseguir viver melhor. O esoterismo em Brasília é uma fantasia.”



**Antônio Ibanez** (reitor da UnB) — “Enquanto reitor penso que se houvesse uma relação de clientelismo entre a UnB e as entidades governamentais, talvez facilitasse mais enfrentar a crise estando aqui em Brasília. Mas como o relacionamento entre o Governo e a universidade é formal e meramente institucional, o contato só se dá em função das necessidades. Há muitos porta-vozes extra-oficiais na cidade, criando ruídos nas comunicações”.

